

OLHARES

■ LUIZ FREIRE ■ LUIZFREIRE1962@GMAIL.COM



DOUTOR EM HISTÓRIA DA ARTE, PROFESSOR DA ESCOLA DE BELAS ARTES (UFBA) E MUSEÓLOGO

Luiz Freire / Divulgação



Ao transpor a barra da Baía de Todos-os-Santos, des-cortinava-se para os via-jantes do século 19 uma Salvador encantadora. Os viajantes estrangeiros narraram o deslumbre dessa visão, fotógrafos, desenhistas e pintores registraram o perfil da cidade distinguida entre dois planos, eternizando um registro de uma realidade parcial, enganadora.

Alguns europeus falaram do contraste entre a sujeira e o caos da cidade baixa, onde aportavam, e a beleza da cidade alta. Descontando o eurocentrismo dessas impressões, múltiplas realidades sempre foram constitutivas da cidade.

Paulo Coqueiro empreendeu expedições pela cidade à procura do desconhecido e dessas realidades incongruentes. Fotografou o que não via e passou a perceber, constatando o quão enganosos são os panoramas do século 19, pois neles não estavam a cidade da maioria, a cidade não planejada, a cidade orgânica, a cidade provisória, perigosa e fatal para a população destituída.

Para conhecer as cidades estranhas à cidade, Coqueiro teve que adotar estratégias na captura desses fragmentos urbanos, distantes do todo, porém a ele interligado por várias relações — mas a distância entre eles é maior que a física, é a distância de classes sociais promotoras de acessos ilimitados e interdições convenientes.

Em *Outras expedições*, Paulo Coqueiro aproxima-se da estética dos panoramas, desenhos e pinturas do século 19, utilizando-se da impressão sobre metal (ferro, latão, etc), na maioria das vezes adquiridos em depósitos de ferro velho, para que o efeito do desgaste do tempo anteceda a obra, que se estrutura sobre uma precariedade e transitoriedade, constitutivas da própria urbe.

As vistas compostas são finitas, irão desgastar até desaparecerem pela oxidação do ferro, impermanência que os adquirentes devem conhecer e assumir ao adquirirem os trabalhos.

O repertório de imagens legadas pelos artistas do passado, como Mulock, foram vistos, pesquisados e copiados na Fundação Gregório de Matos, Museu de Arte da Bahia e acervos de outras instituições.

Os panoramas resultam de montagens, colagens digitais das capturas dos fragmentos da cidade descobertos pelo artista, as vistas dos subúrbios, dos bairros periféricos, ou mesmo de partes do interior da cidade, impossíveis de se ver no seu frontispício.

Anverso e verso da “Soterópolis” compõem sequências contraditórias, atraentes pela estética, pela antiguidade, pelo passado no presente, como permanente mancha de uma realidade socialmente dispar, de uma cidade que sempre existiu assim. Mas como negar a beleza dessa cidade forjada pelas porções mais vistas e também por aquelas “degradadas”?

Na minha infância, meu imaginário de Salvador era povoado pela imagem de beleza, que minha mãe nos transmitia, de uma cidade presépio, em que as casas se amontoavam nos morros. Na construção dessa imagem não constava as

agruras vividas pela gente que habitava esse presépio, em nenhum momento era alertado para a pobreza que determinava essa estética associada à representação do nascimento de Jesus, nem mesmo para o fato de as casas não serem coloridas, de terem as cores dos tijolos e blocos aparentes - e dos barrancos a “cor de barro” declarada por alguns moradores quando perguntados por Paulo Coqueiro sobre a definição que eles davam para a cor da cidade.

Representação e expressão

No exercício de sua profissão de agrônomo, o artista foi despontando com suas preocupações sociais atreladas ao problema germinal da fotografia como representação e expressão, como fixadora de realidades e potencialmente simuladora de realidade, questões essas acirradas na época contemporânea, em que os recursos digitais tornaram ilimitadas as possibilidades de criar realidades que se assemelhem à realidade.

Com essa preocupação, investiu na série fotográfica *Não minta para mim*, ganhador do Prêmio Pierre Verger, cuja poética versou sobre o poder enganador da fotografia, obtendo repercussão no meio artístico nacional e estrangeiro (China, Itália, Alemanha, EUA). Poética ainda presente nos trabalhos expostos atualmente na Galeria Paulo Darzé.

Na tomada das paisagens periféricas, Paulo passou por situações causadoras de medo e apreensões, experimentou sentimentos comuns às populações desses bairros sujeitas às violências e inseguranças cotidianas de uma cidade fragmentada e interdita à maioria dos moradores.

Houve nos panoramas de Paulo um planejamento da escala dos suportes e das imagens, pensados para serem pequenos, compridos, divididos em partes, imitando os antigos panoramas, exigindo que o fruidor se aproxime o mais possível das imagens e descubra as cidades invisíveis e a cidade reconstruída com o jogo centro-periferia, urbe densamente edificada-urbe arborizada, urbe ordenada-urbe caótica.

Na tessitura da indignação com a desordem social da cidade, o artista dá atenção à drástica redução da cobertura vegetal sofrida por Salvador, resgata imagens antigas, em que as encostas verdejavam, contrastando-as com a predominância opressora de edificações amontoadas, sem respiro, nem intervalos vegetais.

Entre as cidades da cidade pode-se ver partes que lembram cidades europeias importantes com seus edifícios com cúpulas e estilos característicos, pois Salvador e demais cidades brasileiras se aproximaram muito da urbanidade europeia entre o final do século 19 e 20, com o advento do ecletismo e as incursões da mão-de-obra europeia, especialmente italiana.

Nunca as cidades dos trópicos se pareceram tanto com a das metrópoles europeias. Lembrando mais uma vez que essa urbanidade eclética, que se valia dos produtos da indústria metalúrgica estrangeira, afetava a parcela privilegiada da cidade, onde se situam os prédios

Verso e anverso da 'Soterópolis'

Considerações sobre a exposição *Outras expedições*, de Paulo Coqueiro, em cartaz na Paulo Darzé Galeria até o dia 12 de agosto



Nesta exposição, Paulo Coqueiro aproxima-se da estética dos panoramas, desenhos e pinturas do século 19

públicos, as igrejas católicas e as casas dos abastados.

Paulo representa as gerações de artistas que se fazem artistas pela vontade, disposição e prática, que não frequentam escolas de arte e que se beneficiaram da abertura conceitual e dos movimentos que restituíram a todas as pessoas as

possibilidades de se expressarem através do que chamamos de arte, sem qualquer barreira condicionada ao aprendizado específico.

Na trajetória de Paulo, elementos do inconstante e frágil sistema das artes baiano foram extremamente importantes para a visibilidade de seu trabalho, alguns já

extintos como o Circuito das Artes, a Bienal do Recôncavo e o Mercado Cultural.

A exposição *Outras expedições*, com curadoria de Alejandra Muñoz, está em cartaz na Paulo Darzé Galeria desde o dia 13 de julho e permanece até 12 de agosto de 2023.